



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

CARIDADE

Por ARGENTINITA

O Antoninho é um menino muito estudioso e aplicado; nunca inventa pretextos para faltar à aula, sendo, pelo contrário, o primeiro do colégio a tomar posse do seu lugar. Honra e respeita o seu professor que o aponta como exemplo digno de ser seguido. Estima os seus condiscípulos, ajudando os mais fracos e procurando imitar os que lhe são superiores. O Antoninho é, também, uma criança bastante caridosa. Para fazerem uma idéa dos seus sentimentos caritativos, vou contar, aos meus amiguinhos, uma pequenina história:

— Era de inverno e um inverno rigorosíssimo... Todas as manhãs, mal o sol começava a doirar a terra com os seus brilhantes raios, o Antoninho saltava, alegremente, da cama e, pé ante pé, encaminhava-se para o seu jardim.

Debaixo do braço, cuidadosamente enrolado num papel, o pequeno levava uma avultada provisão de migalhinhas de pão, colhidas, na véspera, de cima da alva toalha da mesa, após as refeições.

Assim que êle se sentava num pequeno banco, junto de uma árvore que o inverno despira cruelmente da sua frondosa folhagem, começavam a surgir, de todos os lados, bandos de passarinhos que chilreavam alegremente à sua volta.

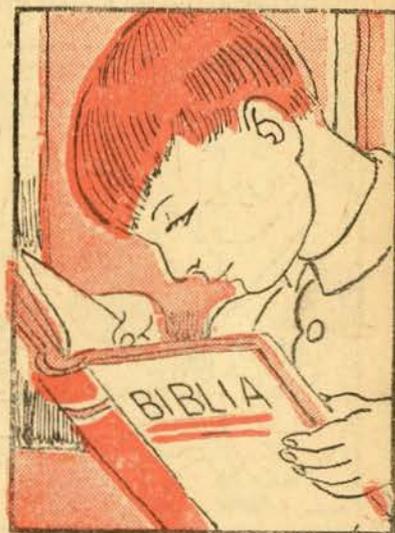
Alguns, mais atrevidos, iam pousar-lhe nos ombros, abrindo, gulosamente, os tenros biquinhos.

O Antoninho, simultaneamente enternecido e divertido, ria da impaciência dos seus protegidos e, abrindo

o embrulho, começava a distribuir o pão pelas avezinhas que, num alegre bater de asas, se precipitavam para o cobiçado petisco.

Indiferente ao frio glacial que, sem piedade, lhe fustigava as faces rosadas, o garoto ficava-se a contemplar êsse quadro enternecedor, pensando na sorte daqueles pobres passarinhos se êle os não socorresse, naquele rigoroso inverno.

Mentalmente, revia os extensos prados cobertos de neve, as árvores despidas de fôlhas, açoitadas pelo vento agreste e, instintivamente, comparava a sua existência, cheia de conforto e mimos, com a vida de



tantas crianças que, sem amparo, vagueiam por esse país, esfarrapadinhas e famintas. Ah! se ele pudesse fazer todo o bem que desejava, para que todos vivessem felizes como ele!... E naquele cérebrozinho, em formação, começava a definir-se a idéia de que o mundo estava muito mal organizado...

Ora, numa manhã de frio intenso, estava ele entretido na sua caridosa tarefa e pensando nas desigualdades do mundo, quando vozes angustiadas, que o chamavam, o tiraram da sua meditação. Eram os pais que, tendo dado pela sua falta e depois de o procurarem por toda a casa, tinham descido ao jardim na vaga esperança de ali o encontrarem.

Ao darem com ele, sentado num banco, a tiritar de frio mas satisfeíssimo com a sua humanitária tarefa, o pai, fingindo-se zangado, perguntou-lhe severamente:

— «Que fazes aí, exposto ao frio e arriscado a apanhares uma doença grave?»

O Antoninho empaltecceu. Porém, compreendendo que, lá no céu, o Menino Jesus abençoaria o seu gesto, respondeu, respeitoso mas firme:

— «Dou de comer a estas avezinhas, porque os campos estão cobertos de neve, e se eu lhes não acudisse, morreriam de fome, com certeza!

— (Com uma lágrima a querer, teimosamente, deslizar-lhe pela face, o garoto continuou:)— É um dever dos ricos socorrer os pobres, quer sejam pessoas ou avezinhas indefesas, e há tanta miséria e tanto egoísmo por este mundo, paizinho!...»

Ouvindo as últimas palavras do Antoninho, os pais entreolharam-se comovidos. Contudo, o pai, sem abrandar o seu ar severo, tornou:

— «Está bem! Mas para que te ocultas tu, nessa missão de caridade, sabendo que, ao darmos pela tua falta, nos assustaríamos. Isso é uma acção má que Deus castiga.

Então, o Antoninho, dando livre curso às lágrimas que lhe toldavam os olhitos muito azuis, respondeu, convicto:

— «Perdão, paizinho... Eu li na Bíblia que Deus nos manda fazer o Bem sem ostentações, nem vaidades. O papá não leu? Então, havemos de ir logo lêr esse capítulo, juntos, sim?»

Um abraço, comovido, foi a resposta dos pais ao constatarem os sentimentos de Caridade e modéstia que desabrochavam na linda almazinha do filho.

Desde então, o Antoninho todos os dias se dirige para o jardim, onde vai, livremente, distribuir pelos seus protegidos, as migalhinhas de pão que continua a apanhar de cima da alva toalha, farta provisão de alpista e até bocadinhos de saboroso pão de ló que a mamã lhe dá, associando-se, assim, à sua generosa conduta.

Todos os pobrezinhos, que lhe batem à porta, são farta e atenciosamente, socorridos.

E que lindo quadro forma o petiz, lendo aos pais, que o escutam maravilhados, aquela passagem do Evangelho, em que Deus ensina a praticar o Bem sem vaidades nem ostentações!...

AS PRINCEZINHAS da MEIA NOITE

Por JOSE TEIXEIRA JUNIOR

HAVIA três princezinhas encantadas chamadas Fernanda, Dulce e Antonieta, também conhecidas por princezinhas da meia noite.

Eram lindas quanto podiam ser e andavam sempre juntinhas, como se fôsem as três graças.

Mas só visitavam a Ilha à meia noite, depois dos sinos das torres badalarem as dozes pancadas e quando o silêncio era completo. Gostavam mais assim.



Quem as quizesse vêr, porém, não tinha que fazer grande esforço. Bastava-lhe esperar com atenção durante algumas noites.

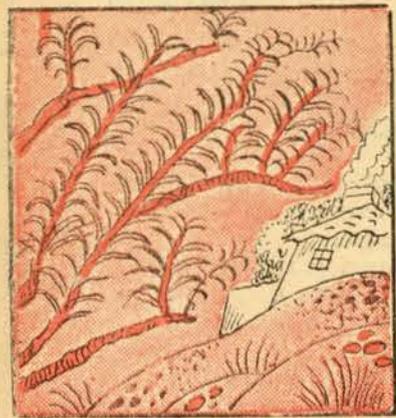
Elas haviam de passar. E quando não se vissem, apareciam pelo menos os sinais, cheios de poesia, da sua passagem. Porque, quando elas andavam na Ilha, o luar era mais claro, as estrélas tinham mais brilho, as árvores enchiam-se de frutos, desabrochavam as flores, irrompiam fontes cristalinas e o ar impregnava-se de deliciosos perfumes.

O ALECRIM E O ROSMANINHO

Por LAURA CHAVES

VIVIA triste o Rosmaninho naquele vale tão sózinho; pois, perto d'ele, o Alecrim, — um toleirão muito ruim — não o tratava nada bem, olhando-o sempre com desdém. O Rosmaninho, num lamento, desabafava com o Vento; — Porque será que ele é assim, sendo tão lindo, o Alecrim? Se dá o cheiro ao monte, à encosta e tóda a gente d'ele gosta?!... Constantemente é procurado pois não existe namorado que o Alecrim não vá colher e ao Rosmaninho ninguém quer.

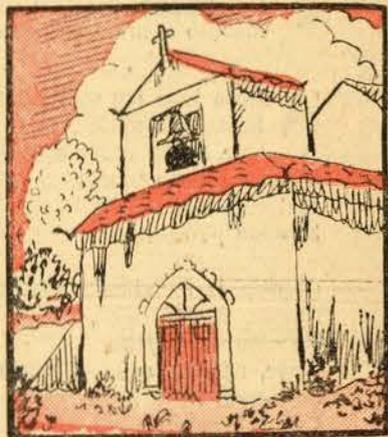
Era verdade o que afirmava, em nada o triste exagerava. O Alecrim muito vaidoso por ser bonito e ser cheiroso



nunca falava ao Rosmaninho; Achava-o feio, pòbrezinho e quanta vez ele pensava porque tal erva ali medrava tendo raiz na mesma terra, tendo na frente a mesma serra, olhando os dois os mesmos céus! «Que mal que tinha andado Deus ao dar-lhe assim como vizinho o humilde, o triste Rosmaninho.»

No céu, ouviu Nosso Senhor o que pensava êsse impostor e resolveu dar-lhe lição para punir a feia acção, que ele castigo merecia. E o Alecrim viu, certo dia, com grande pasmo, grande espanto, — tinha chegado o tempo santo — subir um carro com seus bois que ali parou, e, vai, depois, homens, colherem, com jeitinho, pés e mais pés de Rosmaninho e uma molhada de Alecrim. «Porquê?! — pensava. Qual o fim desta viagem de nós dois? Onde nos levam êstes bois? E o carro a andar, chia que chia, respondeu logo: «A' romaria!»

O Alecrim e o Rosmaninho foram florir o mesmo ninho, a capelinha atapetar que, lá no monte, a branquejar, falava a Deus na voz do sino a dizer bem do Seu Menino. E o Alecrim envergonhado, sentindo o aroma delicado que essa ermidinha perfumava, o bom cheirinho que ali estava,



dizia já, sem azedume: — E' meu ou d'ele êste perfume? —

Quiz-lhe mostrar Nosso Senhor que os filhos todos para os pais merecem sempre o mesmo amor, belos ou feios são iguais.

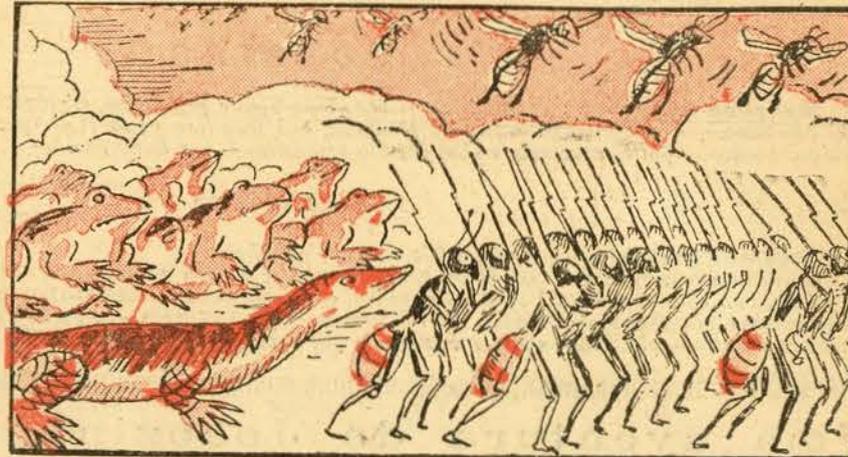
F **I** **M**

UMA AVENTURA DE JOÃOZINHO

Por MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

JOÃOZINHO é o menino mais traquinas que eu tenho conhecido. Além disso, é ainda muito mau e se umas vezes lhe dá para remechar as gavetas e desarrumar a casa à mizinha, outras vezes sente bastante prazer em torturar ou destruir os pobres animais que lhe caírem a infelicidade de lhes cair nas mãos.

Não escapa à sua feroz traquinice. O gato Tareco, nem o cão Bêu-Bêu, nem mesmo os humildes insectos ou as flores que Joãozinho tem no Jar-



Logo que o Joãozinho vê uma formiga, o seu dedo polegar cai, como um maço, sobre o infeliz insecto e... era uma vez uma formiga. Os outros animais, de reduzido tamanho, têm, mais ou menos, a mesma sorte.

Mas, certo dia, o Joãozinho, depois de ter feito trinta mil judiarias a uma linda borboleta, acabou por a matar. O avôzinho, que presenciara a proeza e que, pelos vistos, não é para graças, chamou-o e deu-lhe uma destas lições... daquelas que fazem tremer a gente.

O Joãozinho chorou, chorou muito e foi para o seu quarto, pois o avô, de castigo, obrigara-o a deitar-se ao fim da tarde «com as galinhas», como é costume dizer-se.

O que aconteceu, depois, é deveras fantástico.

O Joãozinho não sabe como aquilo foi mas, ao acordar, encontrou-se num sítio que não conhecia. Dir-se-ia o «Reino dos Bichos pequeninos», tal era a infinidade de animalinhos que ele via por todos os lados.

Ao princípio, Joãozinho achou imensa graça à sua situação e entreteve-se a vêr as formigas que, em grupos, conduziam para os seus celeiros enormes palhas, num grande exemplo de solidariedade; viu as abelhas que pousavam nas flores e, nas suas minúsculas patinhas, levavam para o cortiço o pólen com que fabricam o delicioso mel; admirou-se da variedade de borboletas que esvoaçavam, alegremente, e do matizado de suas asas, emfim gostou imenso das flores que desabrochavam ao sol.

(Continua na página 6)

VAIDADE

Por MANUEL FERREIRA

NUM riacho bordado a avenca, feto e junco, onde as águas pareciam entoar lindas canções, um cisne passeava, orgulhoso e altivo, ouvindo a melodia das aves que saltitavam no arvoredado florido. Perto, numa toca, entre giestas floridas, um grilo, todo o dia, cantava

«cri-cri» ao dirigir-se para a horta, onde lhe chamava a atenção o canteiro verdejante da alfaca.

Naquela tarde, mestre grilo, como sempre alegre e prazenteiro, saiu de casa.

Ao ver o cisne, cumprimentou:

«— Boa tarde, camaradilha!»



«— Camaradilha?! — (repointou o cisne vaidoso) — Veja lá como fala. O

para si e para mim e veja lá bem a diferença.»

«— Ora essa! Não somos ambos pertencentes ao grande reino dos bichos? O vizinho é mais bonito do que eu, mas isso não obsta a que nos falemos...»

«— Louco! — (tornou o cisne, desdenhado) — Acaso queres comparar a tua cor negra e horrorosa com a branca das minhas penas, a falta de graça do teu corpo com a elegância das minhas formas? Queres admitir a comparação entre a maneira como eu nado as águas e o modo com que tu saltas por essas tocas sem beleza nem esforço. Moro na terra e nas águas e,

com as minhas asas, posso alcançar o céu...»

«— Mas... — (arriscou o grilo.) — As tuas asas não valem nada em relação às minhas...»

«— Não valem? — (disse, estupefacto com tamanha ousadia, o cisne.) — Em que se podem as tuas asas comparar com as minhas?»

«— Vê-se bem, arrogante, que nunca me ouviste cantar.»

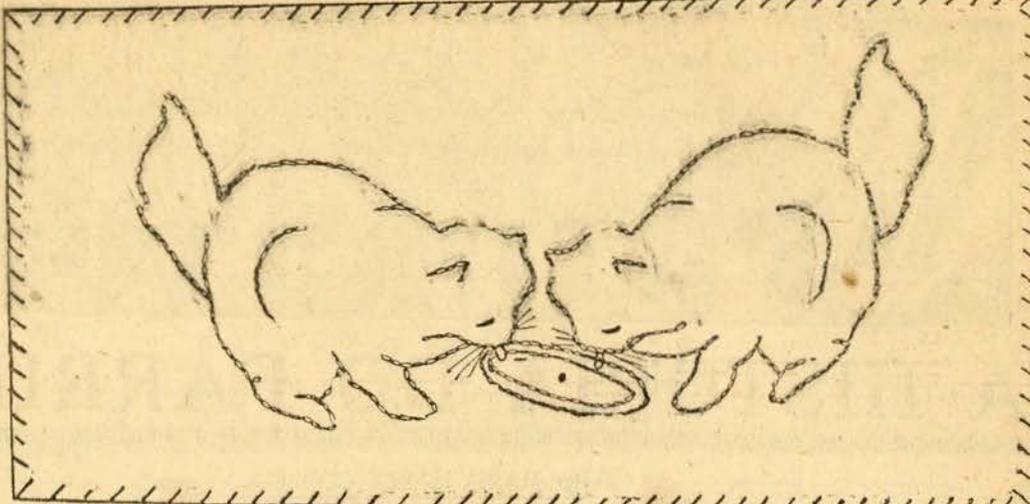
E juntando o gesto à palavra, o grilo começou a entoar o seu interessante «cri-cri.»

Juntavam-se bichos: o caracol, o pardal e o corvo, que riam, em surdina.



(Continua na página 7)

O CES TINHO da COS TURA



Minhas queridas amiguinhas:

O «Mimo» e o «Bijou» são dois tarcos muito lindos. A sua gordura e o brilho do pêlo, mostram bem não serem lá quaisquer pelintras! Nada disso, pois vivem no meio da maior abundância.

Julinha, a sua dona, gosta imenso deles e trata-os com verdadeiro carinho. Assim, não lhes falta a sua ração diária de bofe, o belo carapau, o seu pratinho de leite, emfim, nu-

ma palavra vos digo que êstes fidalgos levam existência feliz e regalada.

Neste momento estão os bichanos cheios de sede e estou bem certa de que êsse pratinho de água lhes sabe tão bem, como a vocês a melhor carapinhada!

Ora tarcos tão finos e tão bonitos, são bem dignos de figurar nos vossos bordados, não é verdade?

Em guardanapos, toalhinhas, almofadinhas de bebê ou no enxoval

da boneca, êles ficarão sempre colocados com graça.

Bordam um em prêto, o outro em amarelo e o prato em encarnado.

Podem aplicar o ponto pé de flôr ou cadeia e se, em lugar de fazerem só o contôrno, encherem completamente os gatinhos, êstes redobrarão de encanto.

Um grande abraço para tôdas da vossa

ABELHA MESTRA

AS PRINCEZINHAS da MEIA NOITE

(Continuação da página 6)

As três princezinhas tornaram-se, com o tempo, tão queridas e tão familiares, que pareciam fazer parte da própria natureza da Ilha. E para isto mais se acentuar havia o facto, de veras curioso, de elas parecerem ter sempre a mesma idade e a mesma beleza, andarem sempre juntas e derramarem, incessantemente, a mesma luz, a mesma formosura, a mesma caridade e os mesmos seus perfumes.

Foi dêste modo que se tornaram, para todos, a própria Beleza e a própria Vida.

Pouco a pouco, tudo e todos se foram habituando à poesia e ao romantismo que elas espalhavam em tudo e sobre todos.

Os cêguinhos sabiam, agora, tocar nos seus violinos músicas verdadeiramente celestiais, hinos ao sol e ao luar, às flores e às brisas, à neve e à primavera. Os sinos

badalavam alegremente, mas profundamente emotivos e religiosos. Nos lagos, nas árvores, nos jardins e nos montes a vida era diferente, nova e redentora.

*
* *

Mas, das três princezinhas da meia noite, uma delas, Fernanda, tornou-se mais popular.

Dizem todos que era das três a mais bela, a melhor e mais prodigiosa, pois tudo quanto as três faziam só a ela era atribuído.

E dizem, também, que ainda hoje essa princezinha existe na Ilha, encantada como dantes, linda e boa como dantes, mas apenas mais crescida e, às vezes, um tanto ou quanto rabina.

VAIDADE

(Continuação da página 7)

«— Ora, — (continuou o cisne). Eu também sou capaz disso.»

«— É o que vamos ver. — (observou o doutor corvo, que aparecera com sua toga prêta.)»

«— Cá estou para ouvir essa música deliciosa.» — concluiu o grilo.

O Cisne tentou. Mas tanto bateu as asas, uma na outra, que ficaram quasi depenadas...

Mestre Corvo, então observou:

«— Basta, não te canses mais, amigo Cisne. Olha que ficas sem penas...»

E o Cisne lá se foi, pensando na lição que o mísero bicharoco lhe havia dado.

Claro está que nunca mais a ave se envaideceu a ponto de não falar aos vizinhos...

F I M

F I M



A HISTÓRIA DO FARRUSCO

Por **MARIA ISABEL CORREIA**

Menção honrosa do Concurso

MEUS amiguinhos: — Quero contar-vos, hoje, a história do Farrusco. Bem ao certo, desde o princípio, não é ela conhecida e só sei que o Farrusco apareceu, um dia, na quinta, perseguido pelos cães da casa, que o queriam maltratar. Valeu-lhe a protecção da dona da quinta, que logo gostou dele por ser muito preto, lusídio, senhor de uma farta cauda e de um focinho muito engraçado. Por todas estas prendas, mandou-o prender — até aparecer o dono, a quem o restituiria — mas no fundo, bem desejosa, que tal não sucedesse.

Decorreram dias sem que ninguém viesse reclamá-lo. Disseram, depois, na aldeia, que o Farrusco era de uns saltimbancos, que por ali tinham passado, mas iam, certamente, longe, vagabundando de terra em terra.

Bem tratado e nédio, não se aventurou a procurar os seus antigos donos e julgou-se muito feliz na quinta, onde nada lhe faltava e onde andava sempre em grande folia com as crianças da casa.

Tinha, porém, um grande defeito, logo manifestado, que muito desgostava os novos donos. Corria-lhe, por certo, sangue de lobo nas veias e, por este irremediável atavismo, não podia vêr ovelha nem cordeirinho que não filasse, cevando neles seus instintos sanguinários.

Seu dono não era senhor de sair para alguma jornada, pois logo aparecia o Farrusco na dianteira aos pulos e aos latidos alegres, correndo à frente do cavalo, serra fóra, à desfilada. Nessas surtidas sempre filava ovelha ou borrego, que o dono tinha que pagar aos pastores. Aborrecidos os



donos com as continuadas depredações do Farrusco, embora muito gostassem dele, muito divertisse os pequenos e embora fôsse bom guarda da porta, pensaram em desfazer-se dele.

Foi um dia o dono a uma feira ao Alentejo, trinta léguas distante da sua casa. Levou o Farrusco consigo, com todos os cómodos, foi de carro, foi de comboio. Mas, uma vez na feira, pediu á dona da hospedaria onde se recolheu, «que lhe tivesse o cão prêso ainda uns dias depois dele regressar a casa; que só o soltasse após e êle que se governasse... quem não tinha juízo...»

Qual não foi, porém, o grande espanto de todos, quando viram aparecer o Farrusco, oito dias depois, ofegante, enlameado, magro, irreconhecível! Andara aqueles dias todos, valendo-se do seu faro finissimo, passando fome, açulado e apedrejado pelo rapazio inclemente, nas aldeias que atravessava, para voltar para casa dos donos! Ele bem podia por lá ter ficado. O seu pêlo lustroso, o seu todo interessante, sempre lhe agenciaria casa, mas o Farrusco, tinha-se afeiçoado àquela; mais grato que muitos racionais, fez aquela Africa para os não deixar. Na quinta, todos o acolheram, afinal, com alegria, até a senhora chorou comovida, afagando-o; e ao Farrusco logo foi dada uma grande tigela com sopas. Nunca mais pensaram em desfazer-se dele. Tinham, porém, mais cuidado. Quando queriam sair, prendiam-no, quando o gado da quinta andava perto, o pastor não o deixava aproximar; corria-o á pedrada e o Farrusco continha-se. Assim foi indo; tinha, finalmente, o seu lugar conquistado.